

MIA COUTO

# Sombras da água

## Sumário

Resumo do livro I .....	9
O imperador .....	11
1. Águas sombrias .....	13
2. Primeira carta do tenente Ayres de Ornelas.....	25
3. Uma igreja por baixo de outra igreja .....	31
4. Primeira carta do sargento Germano de Melo.....	43
5. Deuses que dançam.....	49
6. Segunda carta do tenente Ayres de Ornelas.....	57
7. Os luminosos frutos da árvore noturna .....	67
8. Terceira carta do tenente Ayres de Ornelas.....	75
9. Uma idade sem tempo.....	79
10. Segunda carta do sargento Germano de Melo....	89
11. O roubo da palavra de metal.....	97
12. Terceira carta do sargento Germano de Melo.....	105
13. Entre balas e setas.....	115
14. Quarta carta do tenente Ayres de Ornelas.....	123
15. Mulheres-homens, maridos-esposas.....	129
16. Quinta carta do tenente Ayres de Ornelas.....	135
17. Quarta carta do sargento Germano de Melo.....	139
18. Uma missa sem verbo .....	147
19. Quinta carta do sargento Germano de Melo.....	159
20. As sombras errantes de Santiago da Mata .....	167

21. Sexta carta do sargento Germano de Melo .....	177
22. Um gafanhoto degolado .....	187
23. Sétima carta do sargento Germano de Melo .....	195
24. Uma lágrima, duas tristezas .....	199
25. Oitava carta do sargento Germano de Melo .....	205
26. Uma líquida sepultura .....	213
27. Nona carta do sargento Germano de Melo.....	221
28. O divino desencontro .....	231
29. Décima carta do sargento Germano de Melo .....	237
30. Sexta carta do tenente Ayres de Ornelas.....	245
31. Um hospital num mundo doente.....	249
32. Sétima carta do tenente Ayres de Ornelas .....	259
33. Maleitas imperiais .....	265
34. Décima primeira carta do sargento Germano de Melo .....	275
35. O abutre e as andorinhas .....	283
36. Décima segunda carta do sargento Germano de Melo .....	291
37. A noiva adiada.....	299
38. Oitava carta do tenente Ayres de Ornelas.....	309
39. Um telhado ruindo sobre o mundo .....	319
40. Décima terceira carta do sargento Germano de Melo .....	327
41. Quatro mulheres face ao fim do mundo.....	335
42. Décima quarta carta do sargento Germano de Melo .....	343
43. Tudo o que cabe num ventre .....	355
44. Décima quinta carta do sargento Germano de Melo .....	365
45. O rio derradeiro.....	373

## Resumo do livro I

A maior parte do sul da colónia portuguesa de Moçambique está, no final do século XIX, ocupada pelo Estado de Gaza. Em 1895, o governo colonial português lança uma ofensiva militar para afirmar o seu domínio absoluto na colónia então disputada por outras nações europeias. O rei do Estado de Gaza, nessa altura, é Ngungunyane (que os portugueses conhecem como Gungunhana).

Nesse contexto de guerra, o jovem sargento português Germano de Melo é enviado para ocupar um posto militar numa aldeia chamada Nkokolani, localizada no território da etnia Vaxopi (que os portugueses conhecem como txopes). Os Vaxopi são um povo ocupado e massacrado pelo domínio dos Vanguni e que estabeleceram, por essa razão, uma aliança de cooperação militar com as autoridades portuguesas.

No posto de Nkokolani, Germano apaixonou-se por Imani, uma jovem Vaxopi educada pelos portugueses numa missão católica dirigida pelo sacerdote de origem goesa, Rudolfo Fernandes.

A guerra precipita uma série de eventos dramáticos na família de Imani; em poucos meses o irmão Dubula é morto, e a mãe enforca-se na árvore sagrada do seu quintal. Sobrevivem o pai Katini Nsambe, que é músico, e Mwanatu, um rapaz com problemas mentais a quem, por compaixão, Germano atribui a guarda do seu posto militar.

Para vencer a solidão, o sargento Germano escreve uma série de cartas para o tenente Ayres de Ornelas. Uma amiga do sargento, a italiana Bianca Vanzini Marini, vem visitar Nkokolani. Dias depois um disparo atinge as mãos de Germano, que se defendia de uma turba marchando sobre o quartel, à frente da qual se encontrava Mwanatu, o débil irmão de Imani. Imani, numa situação extrema, usa a arma para defender o irmão. O pai Katini, Imani, Bianca e Mwanatu transportam de urgência o sargento ferido para a margem do rio Inharrime, onde se localiza o único hospital da região que pode salvar o português.

## Águas sombrias

*Não direi  
que o silêncio me sufoca e amordaça.  
Calado estou, calado ficarei  
pois que a língua que falo é de outra raça.*

José Saramago, Poema de boca fechada

Tudo começa sempre com um adeus. Esta história principia por um desfecho: o da minha adolescência. Aos quinze anos, numa pequena canoa, eu deixava para trás a minha aldeia e o meu passado. Algo, porém, me dizia que, mais à frente, iria reencontrar antigas amarguras. A canoa afastava-me de Nkokolani, mas trazia para mais perto os meus mortos.

Há dois dias que tínhamos saído de Nkokolani subindo até à nascente do rio em direção a Mandhlakazi, terra que os portugueses chamavam de Manjacaze. Viajávamos com o meu irmão Mwanatu à frente e o meu velho pai na popa. Na canoa seguiam, além dos meus familiares, o sargento Germano de Melo e a sua amiga italiana Bianca Vanzini.

Sem pausa, os remos golpeavam o rio. E tinha que ser assim: conduzíamos Germano de Melo ao único

hospital em toda a região de Gaza. O sargento vira as mãos despedaçadas num acidente de que eu fora responsável. Disparara sobre ele para salvar Mwanatu que caminhava à frente de uma multidão prestes a assaltar o quartel defendido pelo solitário Germano.

Era imperioso apressarmo-nos para Mandhlakazi, onde trabalhava o único médico em toda a nossa nação: o missionário Georges Liengme. Os protestantes suíços escolheram com critério um local para erguer o hospital: junto da corte do imperador Ngungunyane e longe das autoridades portuguesas.

O remorso pesou sobre mim durante toda a viagem. O tiro desfizera uma boa parte das mãos do português, aquelas mesmas mãos que eu, tantas vezes, ajudara a renascer dos delírios que o afligiam. Os másculos dedos com que tanto sonhara tinham-se evaporado.

Durante todo o caminho mantive os pés submersos no fundo encharcado da canoa, onde a água havia-se tingido de vermelho. Diz-se que morremos por perder sangue. É o inverso. Morremos afogados nele.

O nosso barco progredia com o vagaroso silêncio de um indolente crocodilo. As águas do Inharrime estavam tão imóveis que, por um momento, pareceu-me que não era a canoa, mas o próprio rio que flutuava. A esteira prateada que íamos deixando para trás serpenteava como um risco de água por entre as terras dos Vaxopi. Debrucei-me a espreitar os inquietos reflexos sobre a areia do leito, incansáveis borboletas de luz.

— *São as sombras da água* — disse o meu pai, pou-sando o remo sobre os ombros.